



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 13 de março de 2011

A CRITICA

Redução no PIB afeta os postos de trabalho no AM..... 1
ECONOMIA

A CRITICA

Redução no PIB afeta os postos de trabalho no AM (continuação) 2
ECONOMIA

A CRITICA

Amazônia precisa de povoamento científico'..... 3
ECONOMIA

A CRITICA

notas & notas..... 4
ECONOMIA

A CRITICA

Júlio Ventilari 5
BEM VIVER

AMAZONAS EM TEMPO

A expansão metropolitana..... 6
ECONOMIA

AMAZONAS EM TEMPO

A expansão metropolitana (continuação) 7
ECONOMIA

Redução no PIB afeta os postos de trabalho no AM

RENATA MAGNENTI
DA EQUIPE DE A CRÍTICA

A projeção do Banco Central é que o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano encerre registrando um crescimento de 4,29%. Em 2010, o índice fechou em 7,5% e, se houver o recuo projetado pelo BC, o mercado de trabalho sentirá a queda e deverá responder com demissões. Mas, pelo menos por enquanto, as entidades trabalhistas não esperam um cenário negativo.

Manaus concentra 81,9% do PIB do Estado e responde por 1,5% do PIB nacional, o que coloca a cidade entre as seis com maior índice. A distribuição per capita do PIB no Amazonas é de aproximadamente R\$ 7 mil. "O detalhe é que não podemos pegar os dados e acreditar que a renda de um pai de família que trabalha no PIM é de R\$ 7 mil. O PIB demonstra o nível de atividade econômica de uma região, e não o desenvolvimento ou renda familiar da população", explica o professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e doutor em economia pela Universidade de Campinas (Unicamp), Sylvio Puga.

Para Puga ainda é cedo para afirmar quantas vagas de emprego serão cortadas no PIM,

PIB é termômetro no PIM

O Produto Interno Bruto confirma previsões e costuma acompanhar a evolução da economia regional e nacional. No Amazonas, o índice tem reflexos na geração de empregos no Polo Industrial de Manaus. De acordo com a Suframa, 2010 encerrou com um total de 108 mil empregos diretos.

Até o ano de 2007, o Estado vinha em uma crescente, quando encerrou o ano gerando 102.561 empregos diretos. Com o estouro da crise em novembro de 2008 o ano fechou em queda, com 101.662 novos empregos. No auge da crise, em 2009, a Suframa registrou um total de 95.313 empregos.

mas ele confirma que, se o PIB cair, a tendência natural é que a oferta de emprego acompanhe esse movimento de redução.

PENSAMENTO POSITIVO

A expectativa dos metalúrgicos é de que não haja retração na oferta de emprego, de acordo com o presidente do sindicato da categoria no Amazonas, Valdemir Santana. "Tivemos um crescimento de 10% na produção de algumas fábricas se compararmos aos dois primeiros

meses de 2010", afirmou.

Valdemir disse também que seis fábricas já informaram ao sindicato que desejam trabalhar no período de 24 horas. "Isso, para nós, prova que estamos trabalhando com o sinal verde e esperamos que o setor permaneça assim até o fim do ano".

O presidente da Força Sindical no Amazonas, Vicente Fillzola, também disse acreditar que não há sinalização para um cenário de demissões ou diminuição no número de oferta de emprego. "É nosso trabalho monitorar o mercado e qualquer sinal de anormalidade iremos negociar com os 'patrões' como fizemos em 2009". Atualmente, a Força Sindical do Amazonas responde por, aproximadamente, 230 mil trabalhadores.

QUALIFICAÇÃO

Na opinião do presidente da Câmaras de Dirigentes Lojistas de Manaus (CDL-Manaus), Ralph Baraúna Assayag, não se deve fazer alarde sobre demissões ou corte de vagas, pois o mercado tem capacidade para absorver a mão de obra, desde que ela se adeque às vagas oferecidas. "O problema do Amazonas não é falta de oportunidade e sim a falta de pessoas qualificadas para ocupar os cargos disponíveis".

"Infelizmente, a maioria dos nossos profissionais não sabe definir a diferença entre indústria e comércio. Isso é um grande problema que não foi resolvido na sala de aula, e reflete na prestação de serviço destes profissionais."

Temos vendedores que estão no lugar de industriário e vice-versa. E nossos profissionais, geralmente, não querem aprender a atividade que vão desenvolver, e acham mais simples pedir demissão. Isso acontece porque a competitividade é baixa.

Para completar, vemos vendedores que maltratam clientes, por não terem vocação para área. Tudo isto é ruim para o comércio, para a indústria, e ainda mais para o profissional que se vê perdido no mercado.

Fizemos uma pesquisa com os industriários do PIM e para eles, é status trabalhar em fábricas. O detalhe é que quando saem da indústria e migram para o comércio, por terem aprendidos conceitos de multinacionais passam a trabalhar melhor.

Hoje o setor comercial tem, em aberto, quatro mil vagas somente no setor varejista que não são preenchidas".

Redução no PIB afeta os postos de trabalho no AM (continuação)

Construção Civil prevê crescimento

Na contramão da retração prevista pelo Banco Central, o setor de construção civil no Amazonas trabalha com expectativa de crescimento no número de empregos. Dados recentes apontam que o segmento já dispõe de 15 mil vagas para se-

rem ocupadas.

"Temos pelo menos 800 profissionais na obra da Arena da Amazônia, temos ainda um único empreendimento na Ponta Negra que deve contratar três mil funcionários civis, sem contar outras empresas do segmen-

to imobiliário", detalhou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil (Sintacomec), Roberto Andrade.

A previsão é de vagas no setor, mas os números também apontam para crescimento nos custos. O Índice Nacional da Construção Civil (Sinapi) apresentou variação de 0,46% em fevereiro no Amazonas, com acumulado de 0,56% no ano. De fevereiro de 2010 até fevereiro deste ano, o aumento nos preços no Estado chegou a 6,29%.

Riqueza per capita mascara a realidade

PIB baixo pode indicar desemprego, mas o inverso não é garantia de renda

O professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) Sylvio Puga explica que, se por um lado um PIB baixo pode gerar desemprego, por outro não dá para relacionar um PIB alto ao crescimento economia individual ou familiar. "O PIB é um índice macro e não direcionado quando se fala em crescimento de renda ou consumo. Para detalhar esse crescimento é melhor verificar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)".

Se o PIB aponta renda per capita de R\$ 7 mil no Amazonas, por exemplo, não significa que cada amazonense tenha esta renda: a riqueza é concentrada.

Já o supervisor de disseminação do IBGE no Amazonas, Adjalma Nogueira Jaques, lembra que, como o Amazonas representa hoje 1,5% do PIB nacional, as oscilações no índice são sentidas por todos os que dependem de emprego direto ou indireto no PIM, com reflexos na qualidade de vida. "A indústria é nossa principal atividade econômica e produz básica-



Sylvio Puga (à esquerda) questiona PIB per capita de R\$ 7 mil no Amazonas

mente bens permanentes destinados principalmente ao consumo interno. Quando o Brasil tem uma economia forte, certamente isso vai carrear a economia amazonense e a população consumirá mais".

Nos últimos anos, segundo ele, houve aumento considerável em relação a alunos que foram incluídos em escolas e faculdades privadas. "Vemos ainda que aumentou a procura de pas-

sagens aéreas por amazonenses que desejam passar suas férias fora do Estado. Isso certamente é um reflexo da melhoria de condições de vida".

O disseminador do IBGE informa ainda que ser a sétima economia mundial muda o tratamento e o respeito dado ao País por outras nações. "Isso faz com que o investidor faça aqui investimentos de longo prazo com mais segurança".

Amazônia precisa de povoamento científico'

CARLOS BRANCO
DA EQUIPE DE A CRÍTICA

O professor Jacques Marcovitch estará em Manaus amanhã para lançar seu livro "A Gestão da Amazônia - Ações Empresariais, Políticas Públicas, Estudos e Posturas", evento que ocorrerá às 15h30, no auditório do Inpa. A obra discute as questões mais importantes ligadas ao desenvolvimento sustentável da região amazônica, sem deixar de lado problemas agudos como a questão fundiária, o desmatamento predatório, as "cidades inchadas pela migração rural, ressentindo-se da falta de equipamento e serviços" e suas "populações empobrecidas, instáveis, buscando empregos que não aparecem". Marcovitch nos concedeu uma entrevista via e-mail:

Por que a escolha de Manaus para o lançamento de seu livro?
Manaus é uma cidade que visita com frequência para o es-

tudo da trajetória dos pioneiros brasileiros, para a troca de opiniões com pesquisadores locais e para participar das reuniões periódicas do Conselho da Fundação Amazonas Sustentável (...). Um trabalho recente de Bertha Becker, comentado em nosso livro, prevê com razão que Manaus pode vir a ser, na Amazônia, um polo irradiador de comércio e centralizador de informações científicas. Por sua localização, disponibilidade multimodal de transporte e logística razoável, esta metrópole se insere no conceito de "cidades mundiais". Ou seja, centros urbanos mais conectados aos mercados externos e internos. Seria, portanto, o núcleo ideal para dinamizar um novo rito de produção, a partir da biodiversidade (...). Há uma sugestão desafiadora: criar, nesta futura cidade mundial, uma Bolsa de Valores para serviços ambientais, vencendo-se para tanto alguns obstáculos previsíveis da burocracia.

Existe na Região algum estado comprometido com a sua tese de que a

Perfil
Jacques Marcovitch
NOME: Jacques Marcovitch
ESTUDOS: Doutor em Administração pela FEA/USP e pós-doutorado no International Management Institute (Suíça).
EXPERIÊNCIA: Desde 2002, tem pesquisado as políticas de implantação da Convenção do Clima/Protocolo de Kyoto com ênfase na redução dos gases de efeito estufa na atmosfera.

sustentabilidade amazônica é indissociável do crescimento econômico?
Há um esforço visível da governança pública nos estados da Amazônia Legal. Uns mais outros menos, todos estão empenhados em políticas de sustentabilidade. Cabe ressaltar, em paralelo, ações empresariais e o engajamento das ONGs, instituições de pesquisa e comunidades, no sen-

tido de construir um novo modelo de desenvolvimento. A união de seus governadores em defesa do mecanismo REDD, a melhor alternativa para tornar rentável o conceito da floresta em pé, é um sinal positivo que esperamos ver em breve levado à prática.

Gestão requer uma base de informações. A Amazônia, nesse aspecto, não continua uma esfinge?

Defendo, como vários colegas, o "povoamento" científico da Amazônia. É sabido que somente 5% dos cientistas brasileiros trabalham na região e cerca de 70% dos estudos internacionais a respeito do grande bioma não incluem pesquisadores em atividade no Brasil. Só para exemplificar, o Amazonas tem pouquíssimos pesquisadores nos níveis mais elevados da classificação do CNPq. As instituições deveriam elaborar, desde agora, em parceria com o MEC, o MinC, o MDIC MMA, MCT, Ministério do Planejamento e o BNDES, um projeto articulado visando à potenciação dos atuais resultados. Desta siner-

gia poderiam nascer novos padrões pedagógicos e mecanismos para a atração de talentos, no caso das universidades federais, que abrigariam redes de incubadoras empresariais e novos centros de estudos tecnológicos. O funcionamento de Centros de Pesquisa & Desenvolvimento mantidos por empresas e os novos Institutos de Tecnologia, incorporando cientistas e técnicos e gestores de inovação, custaria aproximadamente meio bilhão de reais por ano - tendo por origem parte dos recursos do Fundo de Preservação além dos aportes privados complementares.

O senhor certamente já ouviu falar do Centro de Biotecnologia da Amazônia, ainda emperrado por falta de personalidade jurídica.

O projeto original do CBA é muito bom e lamento que não tenha avançado conforme o desejável. Sua estrutura foi bem pensada e oferece condições para atuação de empresas de transformação e industrialização de produtos naturais num grande leque de apli-

cações, como produtos farmacêuticos, cosméticos, bioinseticidas para agricultura, indústria de alimentos, corantes, aromatizantes e óleos essenciais. Lamentavelmente, o CBA jamais formou um grupo completo de cientistas, técnicos e gestores de projetos de inovação para cumprir os objetivos de seu projeto original. É surpreendente que ainda não tenha CNPJ para garantir direito de propriedade nos projetos empresariais que viabiliza, registrados em nome da Suframa. As empresas ganham direito de uso exclusivo dos produtos durante um período de três a cinco anos. Empreendedores de todo o Brasil procuram a instituição visando aproveitar o conhecimento ali acumulado para gerar riquezas. Há, porém, uma expectativa de curto prazo para sanar as atuais limitações. Caso se cumpra uma das diretrizes do Plano Amazônia Sustentável, o CBA terá um papel mais forte a desempenhar no desenvolvimento local de indústrias com um perfil biotecnológico.

notas & notas

Manaus continua atraindo grandes do setor varejista

Entre março e abril deste ano, segundo fontes do comércio local, deve estar aportando em Manaus mais uma grande rede do varejo nacional, foi o que informou um empresário ligado à Câmara dos Dirigentes Lojistas do Amazonas, pedindo para não ter o nome citado. Nos últimos anos, especulou-se muito sobre a vinda para Manaus, por

exemplo, das Casas Bahia e do supermercado Extra, os dois empreendimentos, aliás, ligados hoje ao empresário Abílio Diniz (foto). A pujança econômica da cidade, na qual estão instaladas as empresas incentivadas da Zona Franca de Manaus, e sua escolha como uma das subsedes da Copa de 2014 contribuem para atrair negócios.

Júlio Ventilari

Alta velocidade

→ Com os investimentos no Polo Industrial de Manaus, a Kasinski está decidida a reduzir os 95% do bolo nacional que estão nas mãos dos japoneses.

→ A marca de motocicletas do grupo chinês Zongshen em 2011 quer dobrar o faturamento de R\$ 200 milhões registrado no ano passado.

A expansão metropolitana

HENRIQUE SAUNIER
Especial para o EM TEMPO
henrique@emtempo.com.br

O inchaço populacional em Manaus somado à indisponibilidade e ao alto preço de terrenos fizeram com que empresários do segmento da construção civil voltassem os olhos para uma área ainda pouco explorada no Amazonas: a Região Metropolitana de Manaus (RMM). Pertencentes a esse grupo, as empresas Platinum Construções, NV Construtora e Obelisco garantem que empreendimentos podem ser até 30% mais baratos que na própria capital.

Ao todo, oito municípios integram a RMM – Manaus, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, Itacoatiara, Careiro da Várzea, Novo Airão, Manacapuru e Iranduba (local de maior atenção dos investidores). A extensão territorial de mais de 90 mil quilômetros quadrados é outro atrativo, em razão da baixa densidade demográfica e das condições de solo favoráveis à construção.

Foram esses os motivos que fizeram a Platinum Construções adquirir uma área de dois lotes de terrenos de

600 mil metros quadrados, cada, no quilômetro 20 da AM-070. Localizado estrategicamente na avenida Manoel Urbano, que liga Manaus a outros três municípios, esse terreno receberá dois empreendimentos da construtora.

Com terrenos mais baratos ofertados nos municípios da RMM, empreendimentos podem sair até 30% mais em conta para as construtoras

Um dos proprietários da empresa, Ricardo Benzecry, informou que os tipos de obras pretendidos são conjuntos residenciais e apartamentos, totalizando 3,6 mil unidades e investimento global de aproximadamente R\$ 100 milhões. No entanto, ele afirmou que os empreendimentos serão lançados so-

men- t e após a conclusão da ponte sobre o rio Negro.

Benzecry ressaltou que muitas empresas já se preparam para realizar lançamentos no local – mesmo que em um futuro distante – e citou Capital/Rossi, Premium, Unipar, Grafisa e até uma concessionária de veículos entre as companhias que já possuem terrenos na região.

"Fizemos um estudo que mostrou ser mais rápido a pessoa se deslocar do Centro de Manaus para o quilômetro 20, onde está o nosso terreno, do que ir do mesmo ponto de partida para a Torquato Tapajós", justificou o empresário. Além disso, Benzecry acentuou que a qualidade do solo de Iranduba, extremamente plano, reduz os gastos em 30% com relação ao mesmo trabalho do qual necessitam os poucos terrenos disponíveis em Manaus.



Iranduba ganha projeto dentro do 'Minha Casa, Minha Vida'

Com um lançamento mais próximo, daqui a 20 dias, a NV Construtora vai colocar no mercado o residencial Bella Vista, composto por 2.190 apartamentos que vão custar em torno de R\$ 133 mil e estarão à disposição dentro do programa 'Minha Casa, Minha Vida'.

Conforme o proprietário

da NV, Waldir Nogueira, além do fato de a empresa estar habituada a focar os investimentos no interior – ela possui outro residencial em construção no município de Parintins, com mais de mil unidades comercializadas – todos os estudos recentes apontam a região como uma das poucas saídas de crescimento

da capital.

"Quando a ponte terminar de ser construída, muita gente vai poder se instalar sem grandes empecilhos naquela região e nós acreditamos na capacidade de crescimento que o interior possui", comentou o empresário, que pretende investir quase R\$ 300 milhões na área.

ALBERTO CÉSAR ARAÚJO

A expansão metropolitana (continuação)

BR-174 também é lembrada pelo setor da construção

Com lançamento marcado para hoje, a construtora Obelisco Engenharia coloca no mercado o residencial Terrara, situado no quilômetro 2 da BR-174 (Manaus/Presidente Figueiredo). O empreendimento possui um Valor Geral de Vendas (VGV) de R\$ 20 milhões e, assim como os demais residenciais na RMM, é voltado às classes C e D,

cujas rendas familiares ficam em torno de R\$ 3 mil.

Segundo o empresário Arthur de Carvalho, nas grandes metrópoles, as pessoas estão optando por morar longe da cidade para garantir qualidade de vida para a família. "Em locais afastados, onde o verde ainda impera, é possível se isolar da agitação, barulho, violência e

poluição. O setor imobiliário deve seguir essa tendência aqui", avaliou.

O empreendimento será erguido em uma área de 30 mil metros quadrados, com três conjuntos residenciais, e preços que variam entre R\$ 143,5 mil e R\$ 169 mil. A construção do Terrara vai gerar 150 empregos diretos e indiretos.

Ainda falta estrutura para a atração de mais investimentos

Mesmo com essa 'corrida' das empresas para conseguir um terreno na RMM, o vice-presidente do Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Amazonas (Sinduscon/AM), Frank Souza, disse que esse interesse reflete um desejo de investimento a longo prazo, se considerada a falta de estrutura de grande parte dessa área.

"As construtoras estão comprando esses terrenos para investir em um futuro não muito próximo, pois mesmo com terrenos de boa qualidade, ainda faltam supermercados e outros itens essenciais para um local com característica residencial. No entanto, o presidente da Associação de Municípios do Amazonas (AMA), Jair Souto, ao mesmo tempo que avalia

positivamente a atenção dada à RMM, aponta uma preocupação dos prefeitos desses sete municípios. "A interiorização é inevitável e irreversível, principalmente quando se oferece logística e mobilidade urbana. Mas esperamos que haja um controle para que não sejam feitas construções em áreas de risco e invasões", concluiu Souto.